

---

## CARTAS PARA A POSTERIDADE

Rodolfo Jorge Walsh

Apresentação:  
Virgílio de Mattos  
Editor de Veredas do Direito

“Sin esperanza de ser escuchado, con la certeza de ser perseguido, pero fiel al compromiso de dar testimonio en momentos difíciles”.<sup>1</sup>

Em três momentos distintos, faz trinta anos, o escritor, o jornalista, o teórico, o analista de inteligência, o guerrilheiro, o líder montonero, o estrategista, o pai, mas antes e sobretudo o latino Rodolfo Jorge Walsh, cédula de identidade n. 2.845.022, da República Argentina, escreveu três cartas fundamentais para compreendermos “*Nuestra América*”. Foi morto por causa delas. Como se deixasse as cartas para a posteridade.

### Walsh sabia que escrevia para a posteridade.

Segundo relatos seguros, inclusive de seus algozes – um grupo de busca e captura da temível Escola de Mecânica da Armada (ESMA), centro de torturas que hoje virou museu e tem um espaço em memória de Walsh –, ele foi cercado perto da esquina das Avenidas San Juan e Entre Ríos, em Buenos Aires, no fatídico 25 de março de 1977, um dia após ter escrito a célebre CARTA À JUNTA MILITAR, no momento em que acabava de colocar várias delas na caixa de correios da Praça da Constituição.

Foi perseguido e morto pelo *Grupo de Tareas 332*, da ESMA, composto por dez homens escolhidos a dedo e fortemente armados, comandado pelo capitão de fragata Jorge Eduardo “El Tigre” Acosta<sup>2</sup>, pela ousadia de ter escrito e distribuído, na véspera, primeiro aniversário do golpe militar, em todas as redações, sem que ninguém tivesse coragem de publi-

<sup>1</sup> Rodolfo Jorge Walsh. Carta a Junta Militar.

<sup>2</sup> Notório torturador argentino.

car, a CARTA A JUNTA MILITAR, uma análise consistente, segura e correta até hoje. Nela denunciava a existência de 15 mil desaparecidos, 10 mil presos políticos e 4 mil mortos, só no primeiro ano.

Dizia da existência de 7 mil *habeas corpus* impetrados em busca dos *detenidos-desaparecidos* e 1.200 execuções sumárias de militantes, disfarçadas de choques entre “subversivos e forças militares”. Na carta, como que premunia seu fim ao relatar que a ditadura “*matava guerrilheiros feridos e detidos em combates*”.

Com rigor de bom jogador de xadrez, relatava que nesse primeiro ano, o aparato repressivo da Junta, contabilizando seus “*enfrentamientos*” com os subversivos, nos quais estes tiveram 600 mortos e só 15 feridos, e as tropas da ditadura não sofreram nenhuma baixa, o que só poderia significar execuções sumárias.

Fustiga não só o sistema econômico implantado pela Junta, que congelou os salários, enquanto a inflação galopava 400% ao ano, e produziu um milhão de desempregados; como a política internacional de terror reinante no Cone Sul, que dividiu a Argentina em *antes e depois* do golpe.

“Tantas veces me mataron,  
tantas veces me morí,  
sin embargo estoy aquí  
resucitando.  
Gracias doy a la desgracia  
y a la mano con puñal,  
porque me mató tan mal,  
y seguí cantando”<sup>3</sup>.

Walsh resistiu a bala à abordagem, assim como havia feito antes sua filha, e, partido ao meio por uma rajada de metralhadora, teve seu corpo levado e exibido aos prisioneiros da ESMA. Espécie de macabro troféu. Um *detenido-desaparecido* cujo cadáver, mais do que qualquer outro, se recusa a desaparecer. Como se seu corpo morto devolvesse os golpes e o vilipêndio sofridos, com a elegância de quem esgrime o fino fio da ironia. Como se quanto mais permanecesse desaparecido, mais o encontrássemos. Como se quanto mais passasse o tempo, próprio para o esquecimento, mais o lembrássemos.

---

<sup>3</sup> Como la cigarra. María Elena Walsh.

---

**“DE APARECER APARECIÓ,  
PERO EN UNA LISTA DE DESAPARECIDOS”<sup>4</sup>**

Sabia que saberíamos. Sabia que entenderíamos e porque entenderíamos não deixaríamos, quando fosse possível, que sua memória deixasse de ser referência e reverência em tempos tristese sombrios, se é que podemos dizer que vivemos em tempos sombrios se compararmos o tempo em que vivemos hoje com o tempo em que mataram Walsh.

Àquela época, final dos anos 1970, todo o Cone Sul vivia mergulhado em ditaduras brutais. A Argentina, o Brasil e o Chile disputavam em crueldade o título pouco invejável de Campeão Mundial de horrores. Nessa disputa podemos dizer que ganhamos a medalha de bronze. Uruguai e Paraguai, a mais antiga dentre todas elas, pareciam comportadas escolares fazendo maldades no horário do recreio, perto da bestialidade chilena e argentina, principalmente.

A ditadura militar argentina, feroz e covarde, matou duas gerações dos Walsh. Pai e filha sucumbiram, em momentos distintos, ambos de armas na mão, ambos sem saída, constroem com a própria morte um exemplo de vida sem se renderem e, sobretudo, sem se venderem.

E que exemplo!

Rodolfo não se escondeu, como tantos, por detrás de confortáveis empregos em assessorias de imprensa de multinacionais, ou de grandes empresas nacionais, com a espinha dobrada, a cabeça baixa, dizendo “sim, senhor”. Como poucos, expôs-se e se impôs como um jornalista que combateu com palavras e ações, até mesmo a última delas quando, depois de não ter se vendido, recusou-se peremptoriamente a compor a ala dos rendidos.

Generoso, já havia entrado para a história antes, quando, em 1959, juntamente com Gabriel García Márquez, funda a agência de notícias *Prensa Latina*, em Cuba. Mas parece que precisava dizer mais, ressaltar mais, como quem grifa, como quem destaca, como quem marca o mais importante, para que compreendamos bem, como se dissesse: “– *Estou dando a minha vida, o que mais querem vocês? O que mais falta fazer?*”

Nunca, ao que se sabe, posou de intelectual imparcial, objetivo. Como se imparcialidade e “objetividade” fossem possíveis naquele tempo. Como se ser imparcial fosse possível em qualquer tempo.

---

<sup>4</sup> Nicanor Parra. De Poesía Política. Santiago: Bruguera, 1983.

Se deixou a vida para entrar na história, antes mesmo de deixá-la já havia conseguido seu lugar de destaque.

Em 1976, em inteligentíssima resposta à censura imposta pela ditadura militar da Junta, cria a Agência de Notícias Clandestina, ANCLA. Sistema de informações *mano a mano*, cujos impressos traziam um atualíssimo cabeçalho, em tempos de “mídia gorda” – para emprestarmos a feliz expressão de Mylton Severiano, que só reproduz as notícias de interesse dos poderosos, dos que exploram, dos que amedrontam:

Reproduza esta informação. Faça-a circular por todos os meios a seu alcance: a mão, por mimeógrafo, oralmente. Mande cópias a seus amigos: nove de cada dez estão esperando. Milhões querem ser informados. O terror se baseia na incomunicabilidade. Rompa esse isolamento. Volte a sentir a satisfação moral de um ato de liberdade. Derrote o terror. Faça circular esta informação.

Jamais picado pela mosca azul. Jamais exercitando a “síndrome de vedete”, tão comum no sul do sul, nosso verdadeiro sul profundo. Herói em grupo. Não foi um herói individual, embora possamos lembrar seu nome para nossos filhos e netos. Um herói da humanidade.

Antes mesmo de Truman Capote, que em 1966 entrou para a história da literatura com *A Sangue Frio*, Walsh, com seu *Operação Massacre*, tratando de um tema de quase dez anos antes, já inaugurava o gênero que mistura ficção e realidade.

La primera noticia sobre los fusilamientos clandestinos de junio de 1956 me llegó en forma casual, a fines de ese año, en un café de La Plata donde se jugaba al ajedrez, se hablaba más de Keres<sup>5</sup> o Nimzovitch<sup>6</sup> que de Aramburu<sup>7</sup> y Rojas<sup>8</sup>, y la única maniobra militar que gozaba de algún renombre era el ataque a la bayoneta de Schlechter<sup>9</sup> en la apertura siciliana.

Ler seus textos, qualquer que seja o gênero, faz com que tenhamos inveja. Aquela positiva inveja do “*como não fui eu que fiz?*”

---

<sup>5</sup> Paul Keres foi um dos melhores jogadores de xadrez de todos os tempos, mesmo sem ter sido Campeão do Mundo.

<sup>6</sup> Aaron Nimzovitsch, considerado o pai da Escola Hipermoderna do xadrez, que revolucionou a abordagem teórica do jogo no último século.

<sup>7</sup> O general Pedro Eugenio Aramburu Cilveti foi o presidente da Argentina entre 1955 e 1958.

<sup>8</sup> O almirante Isaac Francisco Rojas Madariaga foi vice-presidnete de Aramburu no período 1955-1958.

<sup>9</sup> Carl Schlechter foi um famoso mestre enxadrista austríaco do início do século XX. Empatou com o fabuloso Emanuel Lasker no Campeonato Mundial de Xadrez de 1910. Morreu de fome e frio em Budapeste, no inverno de 1918.

A guerra que custou sua vida e a de sua filha, e de milhares de outros patriotas argentinos que resistiam, de armas na mão ou não, à ditadura militar, não lhe foi indiferente, assim como nossa memória, esse “*monstro grande e que pisa forte toda a pobre inocência de nossa gente*”<sup>10</sup>, não pode esquecer e deixar de contar seu exemplo.

Um homem de sorte e de fibra. Como poucos.

### A DOR DA GENTE NÃO SAI NO JORNAL

A primavera de 1976 foi um desastre. Uma catástrofe para a família Walsh. Um desastre especial para a 2ª Oficial *Hilda*. Aliás Vicki. Aliás María Victoria Walsh, sua filha mais velha.

Rodolfo escreve a forte e delicada CARTA AOS AMIGOS, para “*explicar-lhes como morreu Vicki e por quê morreu*”, três meses depois. Consegue fazê-lo noventa dias depois da morte da primogênita, naquelas condições inóspitas de sobrevivência, para dizermos elegantemente.

Avisa desde logo, aparentemente frio:

O comunicado do Exército que publicaram os jornais não é muito diferente, nessa oportunidade, dos fatos. Efetivamente, Vicki era a 2ª Oficial da Organização Montoneros, responsável pela imprensa sindical e seu nome de guerra era Hilda. Efetivamente estava reunida, nesse dia, com quatro membros da Secretaria Política [SP] que combateram e morreram com ela.

Vamos voltar um pouco a linha do tempo.

Vicki foi militar em uma favela. Era seu primeiro contato, diz a CARTA, com a pobreza extrema, em cujo nome combatia, tendo saído dessa experiência com um ascetismo que impressionava.

Várias são as qualidades dessa mulher madura, em seus vinte e seis anos, cujo marido, Emiliano Costa, foi preso no começo de 1975 e que ela não tornou a ver nunca mais. A filha de ambos, testemunha muda do heróico final da mãe, que nasceria pouco depois da prisão do pai, acompanhava Vicki no seu duro último ano de vida.

Walsh conta na CARTA AOS AMIGOS:

Nos víamos uma vez por semana, a cada quinze dias. Eram contatos curtos, caminhando pela rua, talvez dez minutos em um banco de praça. Fazíamos planos para vivermos juntos, para ter uma casa onde conver-

sar, recordar, estar juntos em silêncio. Pressentíamos, entretanto, que isso não aconteceria, que um desses fugazes encontros seria o último, e nos despedíamos simulando valor, consolando-nos a antecipada perda.

A decisão de não se entregar havia sido madurada diante da infinidade de testemunhos sobre as torturas (retirada da pele em vida, mutilação de membros, a tortura pela tortura, sem limite nem de tempo e nem de método) praticadas contra aqueles que tinham a desgraça de caírem com vida nas garras dos militares.

Prosegue Walsh:

“No dia 28 de setembro, quando entrou na casa da Rua Corro, fazia 26 anos. Levava a filha nos braços porque no último momento não encontrou com quem deixá-la. (...) Às sete da manhã do dia 29 foi despertada pelos alto-falantes do Exército e pelos primeiros tiros.”

Vicki, diz um soldado que participou do cerco, atirava rajadas curtas com sua metralhadora Halcón e ria quando os militares (mais de 150 homens) se escondiam.

Aos caminhões de transporte de tropas somava-se um tanque e um helicóptero que foi contido e afastado pelos disparos de Vicki.

Ainda segundo o relato do soldado que participou do cerco:

Houve um silêncio e, súbito, a moça deixou a metralhadora, ficou de pé sobre o parapeito e abriu os braços. Deixamos de atirar sem que ninguém tivesse ordenado e pudemos vê-la bem. Era magrinha tinha o cabelo curto e estava de camisola. Começou a falar conosco em voz alta, mas muito tranqüila, não me recordo de tudo que ela disse. ‘Vocês não nos matam’, disse, ‘somos nós que elegemos morrer’. Encostou uma pistola na têmpora e se matou diante de todos nós.

No térreo, onde havia cinco cadáveres, a filha que sobreviveu, com pouco mais de um ano, estava sentada na cama.

A CARTA À DIREÇÃO NACIONAL DE MONTONEROS

“No se puede vencer a un enemigo sin antes comprenderlo”<sup>11</sup>

Genial com as palavras, reflexo talvez da inteligência fina de exadrista, Walsh assina o documento da arguta – o tempo comprovou o acerto dos estudos e propostas por ele feitas – análise de conjuntura para o período de 23 de novembro de 1976 a 2 de janeiro de 1977 – como Rodolfo Walsh, Oficial de Inteligência, Montoneros.

---

<sup>11</sup> Rodolfo Jorge Walsh.

Naquela peça, hoje histórica, relata que no último trimestre de 1976 as forças da resistência, que ele denomina “campo popular”, tiveram um número de mortos que oscilou entre 200 e 300 por mês.<sup>12</sup>

Analisa que, após a destruição do ERP<sup>13</sup>, em julho de 1976, as forças da ditadura passaram a se concentrar na destruição dos Montoneros<sup>14</sup>. Em fins de setembro, já haviam destruído a Secretaria Política Nacional da organização, dizimado as direções zonais e La Plata e Norte, e assestado fortes golpes contra as direções zonais do Sul, Oeste, Capital, bem como nas estruturas de imprensa e informações.

“Tantas veces me borraron,  
tantas desaparecí,  
a mi propio entierro fui,  
solo y llorando.  
Hice un nudo del pañuelo,  
pero me olvidé después  
que no era la única vez  
y seguí cantando”<sup>15</sup>.

Walsh alertava que, dando início à Fase 4, que a própria ditadura denominou de “Extermínio”, 1977 seria um ano difícil: “A propaganda militar inimiga dispõe de todos os meios de difusão, que utiliza para pregar o isolamento da guerrilha e seu próximo aniquilamento, e para ocultar o fuzilamento de reféns, disfarçado com enfrentamento”.

Apesar de avisado por companheiros de luta que o ponto ao qual compareceria poderia estar “envenenado”, isto é, já ser do conhecimento das forças da ditadura, preferiu arriscar. Preferiu pagar o preço, alto demais, de sua própria existência.

<sup>12</sup> Um número expressivamente brutal se se considera que a Resistência no Brasil, no período de 1964 a 1988, quando efetivamente termina a ditadura militar, houve pouco menos de 500 mortos.

<sup>13</sup> O ERP, Ejército Revolucionário del Pueblo, nasce como consequência de uma decisão política do último congresso do Partido Revolucionário de Los Trabajadores (PRT), em 1968, com a proposta de organizar um “partido para o combate”. Não era, como erroneamente se poderia supor, um braço armado do PRT, mas pretendia ser uma organização de massas com um programa antiimperialista, anticapitalista e democrático.

<sup>14</sup> Montoneros foi um grupo de guerrilha urbana argentina que agiu entre 1970 e 1977, se apresentou à sociedade em 1º de junho de 1970, mediante o seqüestro e posterior justicamento do general Pedro Eugenio Aramburu.

<sup>15</sup> María Elena Walsh. Como la cigarra.

Nunca a tentativa vã de calar pela força, fazendo desaparecer da vida um homem de luta, verdadeiramente de luta, produziu um efeito tão ao contrário do esperado.

Já nos lembramos de seu exemplo e quando o tempo da maldade acabar definitivamente na Terra, poderemos ter a paz que ele buscou lutando, por toda sua vida.

“Tantas veces te mataron,  
tantas resucitarás  
cuántas noches pasarás  
desesperando.  
Y a la hora del naufragio  
y a la de la oscuridad  
alguien te rescatará,  
para ir cantando<sup>16</sup>”.

Confiram a íntegra dos três documentos, memória da história de luta de um povo vizinho.

Boa leitura!

---

<sup>16</sup> María Elena Walsh. Como la cigarra.